



A ovelha negra

Tocaram à porta. A mãe do Sebastião espreita pelo óculo da porta e vê o Sr. Meireles.

– Um momento, Sr. Meireles! Vou num instante lavar as mãos porque estamos todos com cola de cima a baixo!

– Se andam em colagens, não quero incomodar! – grita o Sr. Meireles.

Mas a mãe apressa-se a abrir-lhe a porta com um sorriso.

– São as ovelhas, sabe, e a neve para pulverizar os pinheiros. Estamos a preparar o nosso presépio.

Agora é que o Sr. Meireles não quer mesmo incomodar. Só vinha dizer que vai estar fora por uma semana para fugir à confusão do Natal.

Alguém teria de o substituir na limpeza da neve à entrada do prédio. E agora não quer incomodar mais. Desculpem e uma boa noite...

Por fim, a mãe lá consegue levar o Sr. Meireles até à sala.

– Tem de provar o meu ponche!

Sebastião, o pai e Ana, a irmã mais velha de Sebastião que veio com o namorado fazer-lhes uma visita, estão sentados à mesa a recortar ovelhas de cartão e a colar-lhes minúsculos caracóis feitos de papel de seda.

– Que trabalho tão miudinho – queixa-se Ana. – Não sei de quem foi a ideia!

– Use palitos! – diz-lhe o Sr. Meireles – Assim, ora veja...

Procura no bolso e tira um palito embrulhado em papel azul e branco, como os que há nos restaurantes ao lado do saleiro. Desembrulha-o, mergulha a ponta em cola, apanha um caracol de papel e pressiona-o com cuidado sobre a ovelha de cartão.

– Teve azar – diz Ana, estendendo-lhe uma ovelha ainda por fazer.

Sebastião enrola tirinhas de papel e corta-as para fazer os caracóis.

O Sr. Meireles encontrou outro palito no bolso e deitou mãos à obra.

O presépio de musgo e pedras está pousado em cima da arca. O estábulo de Belém também já está pronto, mas vazio. O algodão brilha nas pontas dos pinheiros. Na margem do ribeiro de seda já pastam quatro ovelhas de cartão.

– Gostava mais que fosse água a sério – diz o Sebastião ao Sr. Meireles.

– Não se pode ter tudo – responde este. – Mééé, mééé, aqui vem a ovelha do senhor Mééireles.

A ovelha preta ficou muito bonita. Sebastião pousa-a no musgo verde, ao lado das brancas.

– Fica mesmo bem! Obrigado!

– Achas que ela se sente bem aqui? – pergunta o Sr. Meireles.

– E por que não? – pergunta Sebastião.

– Então! Porque é a única ovelha preta entre tantas brancas.

– Acha que se sente diferente? – pergunta o Sebastião admirado.

– É possível – diz o Sr. Meireles.

– Vi ovelhas brancas com cabeça preta, na quinta do Sr. Toninho – diz o Sebastião. – E, se quer que lhe diga, eu acho que o preto é como uma pincelada de humor no meio do branco. Para combater a monotonia. Para não ser tudo igual.

O Sr. Meireles bebe um terceiro copo e observa o Sebastião a picar os caracóis de papel.

Sebastião solta um assobio de espanto:

– Boa ideia! Também quer fazer uma, Sr. Meireles?

– Não, não – diz ele. – E muito menos uma branca.

O ponche sabe-lhe bem e a mãe torna a servi-lo.

– Se fizer, então só uma negra – resmunga.

– Como? – pergunta o pai.

– A fazer, seria uma ovelha negra – diz o Sr. Meireles.

Sebastião põe-se a pensar.

– Na caixa das minhas botas novas vinha papel de seda preto. Vou buscar-lho!

O Sr. Meireles bebe um grande golo de ponche.

– Nunca julguei que houvesse papel de seda preto nesta casa.

– Somos todos brancos e pretos – diz pausadamente. De um momento para o outro, a voz soa grave e festiva. – Todos às cores! Todos!

– Pois somos, somos! – murmura o pai serenamente.

A mãe enche uma caixa de bolachinhas de baunilha para o Sr. Meireles, e acompanha-o à porta.

– Aqui tem. Para as férias!

O Sr. Meireles pega na caixa e leva-a com o mesmo cuidado com que os três Reis Magos levaram as suas oferendas.

Tradução e adaptação
Lene Mayer-Skumanz
Anna und Sebastian
Wien, Herder, 2003